UMA ANÁLISE SOBRE OS PRÓS E OS CONTRAS NO METODO ABA PARA O TRATAMENTO DO TEA

ORLANI NATAL RIBEIRO

RESUMO
A análise comportamental aplicada (ABA) é uma terapia que ajuda crianças com autismo a aprender habilidades e diminuir comportamentos problemáticos, como machucar-se. Existem várias formas diferentes de ABA. Todos se baseiam na ideia de que o reforço de certos comportamentos levará as crianças a repeti-los. Estudos demonstraram que o ABA é eficaz, mas alguns pais e defensores do autismo não apoiam seu uso. O presente trabalho teve como objetivo geral analisar o contexto dos fatos e controvérsias que envolvem a ABA aplicada ao autista sobre olhar da Psicologia, psicopedagogia e educação Especial. Como objetivos específicos, teve-se o de desenvolver uma pesquisa bibliográfica sobre o tema em questão, mais precisamente discorrer sobre o histórico da ABA, sua aplicação em indivíduos autistas e, por fim, analisou-se os posicionamentos a favor e contra. A metodologia utilizada foi por meio de consulta a fontes de pesquisas que tratam dos assuntos aqui abortados (sites, livros, artigos científicos e a própria lei). Constatou-se que um bom psicólogo tem como objetivo descobrir maneiras construtivas e usem seus interesses, mas que lhes permitam participar da sociedade e que lhes dê a maioria das escolhas.

PALAVRAS-CHAVE: Método ABA; Comportamento; Terapia.

INTRODUÇÃO

Durante muitos anos a humanidade conviveu com pessoas cujo comportamento não condizia com as noemas sociais de convivência. Muitos de nós, no passado, dividimos o nosso cotidiano com parentes e amigos que não apresentavam o comportamento comum ao nosso meio e esses indivíduos eram chamados de estranhos, esquisitos, etc. Esse comportamento atípico era rejeitado pela sociedade, cabendo aos pais a difícil tarefa (muitas vezes inadequada) de ensinar aos filhos a difícil tarefa de viver bem.

Com o tempo os profissionais da Psicologia foram pesquisando mais profundamente esses comportamentos que em um certo momento passaram a ser denominados de "Autismo". uma denominação atribuída a pessoas com várias comorbidades.

Recentemente, essa denominação criou uma nova vertente, passando a ser denominado como TEA – Transtorno do Espectro Autista.

AUTISMO E DEFICIÊNCIAS

O desenvolvimento do cérebro começa antes do nascimento e na idade adulta. As primeiras interações e experiências com os cuidadores ajudam a moldar o cérebro de uma criança pequena. Construir um cérebro saudável desde cedo fornece à criança uma base sólida e aumenta os resultados positivos a longo prazo.

Mas nem todas as experiências das crianças são positivas. O estresse severo e frequente resultante da pobreza, abuso e negligência pode se tornar tóxico para o desenvolvimento da criança. Felizmente, relacionamentos positivos e comunidades de apoio podem ajudar as crianças pequenas e suas famílias a construir resiliência e desenvolver relacionamentos fortes e estimulantes - para que as crianças alcancem seu pleno potencial.

Experiências positivas e de alta qualidade na primeira infância oferecem a melhor oportunidade de preparar as crianças para o sucesso na escola e na vida

Mas e o que dizer de crianças com deficiência? A lei Nº 13.146, de 6 de junho de 2015, que institui o estatuto da pessoa com deficiência, nos informa que:

Art. 2o Considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas.

Para Amaral (1996), a condição de deficiente se remete a inutilização total ou parcial de função, sentido ou capacidade física ou mental, capaz deixar seu portador em desvantagem no que diz respeito a vida social.

Ao longo da história, o conceito de autismo

passou a significar coisas diferentes. Inicialmente, a dificuldade de aprendizagem era a categoria ampla que abrangia todos os tipos de deficiência. Em resposta a uma categoria vaga, as escolas públicas lidam com essas deficiências de várias maneiras que são diferentes das estratégias frequentemente usadas para crianças com autismo hoje.

Décadas atrás, as crianças com deficiência eram frequentemente negligenciadas e totalmente excluídas do sistema de ensino público.

Mais recentemente, na década de 90, as deficiências foram mais amplamente aceitas; embora ainda houvesse poucas crianças com deficiência na rede pública de ensino.

Autismo, Transtorno do Espectro do Autismo trata-se de um distúrbio do neurodesenvolvimento que faz com o indivíduo possua déficits constantes de comunicação e interação social.

Autismo ou Transtorno do Espectro do Autismo é um termo genérico. O espectro autista é amplo e normalmente nos referimos a isso como autismo leve a grave. O termo 'Síndrome de Asperger' foi originalmente usado para se referir a uma forma leve de autismo, mas este não é mais um termo diagnóstico formal.

Trata-se de uma deficiência de desenvolvimento que afeta a forma como as pessoas respondem ao ambiente em termos comportamentais, sociais e comunicativos. Uma vez que existe uma ampla variedade de maneiras pelas quais esse transtorno se manifesta, as pessoas em diferentes partes desse espectro têm diferentes pontos fortes e fracos.

O termo “autismo” não entrou no vocabulário comum por muito tempo e mesmo após “intitulado”, era extremamente raro que crianças da década de 1980, 90, 2000, fossem diagnosticadas com autismo. Todas as deficiências durante esse período se enquadraram na categoria de “retardo mental” e, portanto, foram tratadas de forma extremamente pobre ou não foram tratadas de forma alguma na rede pública de ensino.

Alguns sinais comuns de transtorno do espectro do autismo, conforme Rocha (2018) incluem: Ter dificuldade para falar ou fazer contato visual; parece preferir jogar sozinho e muitas vezes está "em seu próprio mundo"; mostra anexos incomuns a certos objetos ou atividades; Conflitos em interações sociais com outros alunos; parece excessivamente sensível a ruídos ou imagens.

Mesmo com os recentes estudos e abordagens sobre o assunto, muitas pessoas confundem o TEA com alguma patrologia clínica, porém, sabe-se que não se trata de uma doença e sim um modo diferente de compreender o mundo.

O TEA tem algumas disfunções nos domínios do comportamento, da interação social e da comunicação. Por isso, é normal que pais, professores e parentes especulem sobre esse comportamento, muitas vezes de maneira inadequada.

Foram criadas diversas abordagens possíveis para se trabalhar com o TEA, de modo que os portadores desse espectro aprendam a interagir com os adultos, conquistem independência na realização de tarefas e aprendam conteúdos curriculares.

No campo da psicologia do comportamento, diversos terapeutas trabalham com programas de intervenção baseados na “Análise Aplicada do Comportamento – ABA”, da sigla em inglês: Applied Behavier Analysis), que trabalha visando evidências para o TEA.

ANÁLISE APLICADA DO COMPORTAMENTO

A Análise do Comportamento Aplicada (ABA) é uma terapia baseada na ciência da aprendizagem e do comportamento)

A Análise Comportamental Aplicada (ABA) é um tipo de terapia que se concentra em melhorar comportamentos específicos, como habilidades sociais, comunicação, leitura e acadêmicas, bem como habilidades de aprendizagem adaptativa, como destreza motora fina, higiene, arrumação, capacidades domésticas, pontualidade e competência profissional.

ABA é eficaz para crianças e adultos com distúrbios psicológicos em uma variedade de ambientes, incluindo escolas, locais de trabalho, residências e clínicas. Também foi demonstrado que ABA consistente pode melhorar significativamente comportamentos e habilidades e diminuir a necessidade de serviços especiais.

A terapia ABA aplica o entendimento de como o comportamento funciona em situações reais. O objetivo é aumentar os com-

portamentos que são úteis e diminuir os que são prejudiciais ou afetam o aprendizado.
O reforço positivo é uma das principais estratégias utilizadas na ABA.
Quando um comportamento é seguido por algo que é valorizado (uma recompensa), é mais provável que a pessoa repita esse comportamento. Com o tempo, isso incentiva uma mudança positiva de comportamento.)
Primeiro, o psicólogo identifica um comportamento objetivo. Cada vez que a pessoa usa o comportamento ou habilidade com sucesso, ela recebe uma recompensa.
A recompensa é significativa para o indivíduo - os exemplos incluem elogios, um brinquedo ou livro, assistir a um vídeo, acessar o playground ou outro local e muito mais.
Recompensas positivas encorajam a pessoa a continuar usando a habilidade.
Com o tempo, isso leva a uma mudança significativa de comportamento.
O reforço negativo ocorre de maneira oposta. Sempre que um comportamento que se quer extirpar acontece, um reforço negativo é atribuído, tal como uma repreensão, ou, nos tempos mais antigos, castigos, inclusive físicos.
ABA é muito mais do que uma intervenção para crianças com autismo. Ele pode ser usado para ajudar em qualquer coisa, desde o tratamento de distúrbios alimentares até o controle de tráfego.
A Análise do Comportamento Aplicada (ABA) é um tipo de intervenção terapêutica que pode melhorar as habilidades sociais, de comunicação e de aprendizado por meio de técnicas de reforço. Além de melhorar os comportamentos adaptativos gerais, como habilidades sociais, habilidades de aprendizado, pode se concentrar no aprendizado de habilidades específicas, como destreza motora fina, higiene, etc. Alguns também chamam de Terapia Comportamental do Autismo, mas é apenas uma das aplicações da ABA.
ABA é eficaz para crianças e adultos com problemas psicológicos em uma variedade de ambientes, incluindo escolas, residências e clínicas.
Também foi demonstrado que a terapia ABA consistente pode melhorar significativamente habilidades e comportamentos positivos e diminuir a necessidade de serviços especiais no futuro
As últimas décadas, a Análise Comportamental Aplicada, ou ABA, cresceu em um amplo grupo de abordagens e técnicas projetadas para ajudar crianças com autismo.
Princípios da terapia comportamental - reforço positivo de comportamentos desejados - são usados, geralmente de forma intensiva, para ajudar crianças autistas a desenvolver habilidades que não estão adquirindo naturalmente e para reduzir comportamentos que são prejudiciais a elas, como a automutilação. Os analistas do comportamento examinam as causas e consequências do comportamento. Em seguida, desenvolvem intervenções com base nessas informações.

As metas podem incluir diferentes áreas de habilidades, como:
Comunicação e linguagem
Habilidades sociais
Comportamentos de autocuidado
Jogo e lazer
Habilidades motoras
Aprendizagem e habilidades acadêmicas (PEREIRA, 2019).

O plano de instrução divide cada uma dessas habilidades em etapas pequenas e concretas.
O terapeuta ensina cada passo, um por um, desde o simples (por exemplo: imitar sons individuais) até o mais complexo (por exemplo: manter uma conversa). O progresso é medido pela coleta de dados em cada sessão de terapia. Os dados ajudam a monitorar o progresso da criança em relação aos objetivos de forma contínua.
O terapeuta se reúne regularmente com os membros da família para revisar as informações sobre o progresso, a fim de planejar com antecedência e ajustar os planos e metas de ensino de acordo.
ABA, Análise aplicada do comportamento, representa um tratamento comportamental indutivo que ensina à criança habilidades que não possui. Cada habilidade é ensinada em plano individual, associando a uma instrução.
O método ABA recebe como critica a de supostamente robotizar as crianças, o que nos parece correto, já que a ideia é interferir precocemente o máximo possível, para

promover o desenvolvimento da criança, de forma que ela pode ser maximamente independente o mais cedo possível.

No que diz respeito às abordagens terapêuticas e educacionais para pessoas com distúrbios incluídos no espectro do autismo (DEA) as propostas de intervenção baseadas no modelo da análise de comportamento aplicada têm dado resultados científicos comprovados). Nesse sentido, a ABA é um instrumento de intervenção que determina o comportamento e os fatores que provavelmente resultarão na sua repetição.

Baseado nessas informações, ocorrerá o delineamento e acompanhamento dos processos de intervenção.

Conforme Vismara, Rogers; Sulzer-Azaroff et. al apud Fernandes; Amato (2013, p. 290), "os programas incluem as habilidades verbais e de comunicação em níveis de intensidade da intervenção semelhantes aos destinados às habilidades cognitivas e acadêmicas e às dificuldades de comportamento". Outrossim, os princípios da ABA, a participação dos pais no ambiente doméstico e a formação específica dos terapeutas são essenciais para o sucesso dessa abordagem proposta.

As intervenções da ABA usam comportamentos comunicativos para crianças com DEA, fazendo com que outros profissionais de outras áreas, como os fonoaudiólogos, usem os fundamentos da ABA.

A Análise Aplicada do Comportamento contribui neste sentido, com base em evidências publicadas mundialmente. Já em 1987 Lovaas descrevia a EarlyIntensiv e Behavioral Intervention – EIBI, visando a uma melhor adaptação do sujeito, com foco na diminuição de comportamentos identificados como inadequados e no aumento de comportamentos mais adaptativos e funcionais para o desenvolvimento da criança, sendo que a carga horária indicada é de 30 a 40 horas semanais.

Através de seus estudos foi possível comprovar que os comportamentos das crianças com um Transtorno do Espectro do Autismo podem ser modificados frente a procedimentos específicos, com ampliação do repertório referente a diversas habilidades importantes para o aprendizado. No ABA, as instruções são estruturadas. Primeiro, a terapia ocorre em um esquema de um terapeuta para uma criança em casa. Se baseia em um currículo individualmente planejado, com o repertório apresentado inicialmente na avaliação nominada de linha de base.

Por meio dessa avaliação, as habilidades acadêmicas, de linguagem, sociais, de cuidados pessoais, motoras e de brincar, são reavaliados e reestruturados constantemente, sendo importante o envolvimento da família nesse processo de intervenção.

Pesquisas demonstram que a terapia com Analise Aplicada do Comportamento vem mostrando-se como um caminho eficaz e promissor para crianças com TEA. Para tanto, o relato abaixo discorre sobre a ABA: a criança esteve em avaliação aos 9 meses de idade por encaminhamento do neurologista, após os pais identificarem alguns sinais compatíveis com um Transtorno do Espectro do Autismo, tais como oscilação do contato visual, ausência de imitação motora e verbal, manipulação repetitiva de alguns objetos, ausência de atenção compartilhada e movimentos repetitivos e estereotipados das mãos e pés, em situações especificas. Iniciou terapia baseada em ABA, sendo uma vez por semana no consultório, com duração de 1 hora, e duas vezes por semana em casa, com duração de 2 horas cada.

A avaliação foi realizada através de anamnese com os pais, aplicação de escalas de desenvolvimento com os pais e verificação com a criança, além de contato direto através de atividades direcionadas e livres para observação de habilidades e comportamentos alvo.

Baseado no exposto anteriormente, houve a estimulação de habilidades básicas e a ampliação do repertório da criança.

O planejamento e os objetivos iniciais "se fundamentaram em programas de contato visual, imitação motora com objetos, imitação verbal, solicitações através do apontar, seguimento de instruções simples e uso funcional de brinquedos".

O planejamento em casa direcionou e orientou quanto à alimentação, estimulação da habilidade motora grossa e atenção compartilhada.

Para tal, foram empregadas estratégias como o Ensino por Tentativas Discretas, Ensino Incidental, Modelagem e orientação à família para manejo de comportamentos

inadequados e estimulação de habilidades deficitárias.

O uso funcional de figuras de comunicação, conhecido como PECS foi desenvolvido para ajudar crianças e adultos autistas a adquirir capacidade de comunicação. É um método de baixo custo que utiliza a comunicação através de cartões para crianças que não falam e organiza a linguagem verbal das crianças que falam.

O TEACCH, tratamento e educação para crianças autistas e com distúrbios da Brazilian Journal of Development, Curitiba, v.7, n.7, p. 65209-65227 jul. 2021 Brazilian Journal of Development 65222 ISSN: 2525-8761 comunicação, trata-se de uma intervenção que utiliza uma avaliação chamada PEP-R (perfil psico educacional revisado) para avaliar a criança (CORNELSEN, 2007). Neste método a programação individual de cada aluno é uma das ferramentas essenciais, pois possibilita o entendimento do que está ocorrendo, indicando visualmente quais tarefas serão realizadas, além de ensinar o que vem antes e acontece depois, proporcionando o planejamento de ações e seu encadeamento. Se adotarmos um sistema de comunicação convencional as formas como os autistas comunicam suas necessidades não é imediatamente compreendida (BABTISTA; BOSA, 2002).

Observa-se o interesse dos métodos educacionais em desenvolver a socialização e, sobretudo a linguagem em crianças autistas, pois como afirma Lamônica (1992, p. 5): por causa de sua desvantagem nas habilidades sociais, é necessário proporcionar períodos de interação nos quais devam ser envidados esforços especiais para favorecer a reciprocidade da criança autista, facilitando, assim, a comunicação social". Então, o ensino da linguagem aos autistas deve ser desenvolvido em ambientes naturais, pois facilita uma rotina que eles respondem melhor aos estímulos.

O autismo pode ser grave ou tão leve que o indivíduo consegue levar uma vida próxima do normal.

O TEA compromete o desenvolvimento do autista, principalmente na área da interação social e da comunicação.

Geralmente, a pessoa com TEA possui um repertório muito restrito de atividades e interesses.

O autismo não tem cura, mas se for diagnosticado cedo, com assistência de fonoaudiólogo, psicólogo, psiquiatra e outros profissionais, a criança poderá desenvolver habilidades fundamentais para melhorar o seu processo de ensino e aprendizagem

A escola é um espaço que favorece a socialização e os meios de aprendizagem, devendo os pais, professores e equipe pedagógica se envolver no processo de ensino e aprendizagem do aluno com autismo. Sendo assim, se necessita compreender a prática inclusiva para lidar com o estudante que tem o TEA

Dentre as práticas humanistas, se deverá agir, respeitando o ritmo de cada estudante, motivando o autista com carinho e compreensão.

A abordagem ABA se estrutura a partir de um esquema em que o terapeuta planeja um repertório de atividades a serem realizadas, apresentado, inicialmente, na avaliação nominada de linha de base.de acordo com a aba, o tratamento deve ser planejado com base em alguns conceitos essenciais focados na aprendizagem sem erros, diminuindo assim, alguns atrasos na cognição.

Mesmo com a grande utilização desse método, existem algumas críticas a serem consideradas, como a "Robotização", por exemplo, por serem aplicadas rotinas muito objetivas e concretas com uma tendência a fazer com que o paciente tenha um comportamento muito esquematizado, não havendo a possibilidade de reflexão sobre seus atos.

Alguns profissionais que trabalham com o método ABA alegam que, pelo fato de as pessoas com autismo terem uma compreensão mais leteral das coisas, uma abordagem mais compreensível não funcionaria, jáque eles não são capazes de alcançar todo o conteúdo do complexo mundo da convivência. É possível que uma pessoa com autismo precise de muitas intervenções ao longo da vida, inclusive quando adulto.

O método ABA também sofre críticas quando aplicado de maneira uniforme, como um manual e, considerar o indivíduo e suas características individuais dentro da diversidade do TEA deve ser essencial.

Outra polêmica que envolve as terapias ABA é a ideia de que elas podem ser usadas para que os pacientes com autismo pareçam

"menos autistas", ou seja, que elas buscam alcançar um padrão de normalidade para ajuste à convivênci social. Isso acontece principalmente nas estereotipias – movimentos motores necessários para que o autista controle seu stress ou ansiedade.
Mesmo assim, alguns profissionais optam por reduzir ou, até mesmo, tentar acabar com as estereotipias por entenderem que as características possam causar estranhamento aos próximos.
Outra crítica ao ABA é que a versão mais antiga dele usava punições, além de recompensas. As punições não são mais usadas no ABA, mas os críticos acham que ainda é muito difícil para as crianças porque é muito repetitivo. Os defensores argumentam que o ABA moderno costuma ser muito menos repetitivo e que os profissionais são treinados para tornar o aprendizado divertido e interessante para a criança.
Uma outra consideração a ser levada é que a ABA está muito focada em eliminar comportamentos em vez de desenvolver habilidades. Alguns praticantes concordam que isso pode ser um problema. Eles enfatizam que a terapia precisa se concentrar no que as crianças deveriam estar fazendo, ao invés do que elas não deveriam estar fazendo.
A AMA - American Medical Association recebeu uma proposta por parte seção de estudantes de medicina para a remoção do apoio à realização de Análise do Comportamento Aplicada (ABA), até o momento considerada o "padrão-ouro" de intervenção para tratamento de Transtorno do Espectro Autista (TEA) e a intervenção mais largamente utilizada e financiada pelas políticas públicas dos Estados Unidos e Canadá.
O método ABA foi concebido em 1961 pelo Dr. Ole Ivar Lovaas para condicionar comportamentos neuro típicos em crianças. Ela é um tipo de terapia interpessoal que visa melhorar as habilidades e modificar os comportamentos através de um modelo baseado em recompensas.
Algumas discussões éticas envolvem o Dr. Ole, uma vez que antes de engajar-se no tratamento de crianças com TEA, ele se dedicou a estudar terapia de conversão para pessoas homossexuais. Além disso, entende-se hoje que o uso de alimentação e direito a ir ao banheiro como reforços positivos (práticas utilizadas no início dos estudos) guarda em si questões éticas preocupantes.
Os elementos que sustentam a argumentação da AMA são os seguintes:

A princípio, parte-se da discussão que o comportamento desejado é frequentemente definido pelo adulto, sem o consentimento da criança e pode incluir estímulos não prejudiciais ou comportamentos de enfrentamento e que o objetivo da terapia seria "fazer a criança parecer normal".

Tais preocupações éticas são atreladas as seguintes evidências: adultos expostos a ABA são mais propensos ao suicídio; a exposição a ABA tem sido associada ao Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT) – 62 % dos adultos expostos a ABA vs 27% dos adultos não expostos e a fraca evidência que endossa a realização de ABA – baseando-se em uma revisão sistemática da Cochrane realizada em 2018, com evidências sugerindo que os efeitos da intervenção precoce intensiva na redução da gravidade dos sintomas do autismo e do comportamento problemático são pequenos, com ganhos nas áreas de comportamento adaptativo, QI, comunicação, socialização e habilidades da vida diária, com os maiores ganhos obtidos no QI e os menores na socialização.
A declaração final da AMA endossa a necessidade de uma articulação entre as partes interessadas para que um cuidado abrangente e especializado que reconheça a diversidade e a personalidade de indivíduos neurodivergentes possa ser estabelecido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O comportamento do ser humano tem sido observado e estudado desde sempre. Não podemos apontar qual o melhor modelo para se viver em sociedade.
Em um mundo contemporâneo em que muitos valores morais foram esquecidos ou negligenciados, fica impossível apontar qual a maneira mais adequada de se conviver.
Os meios artificiais de comunicação tornaram-se a principal maneira de nos comunicar, tornando-nos cada vez mais distantes fisicamente.
O comportamento do homem "comum", se é que podemos afirmar o que deve ser co-

mum, vem sendo permeado por influências digitais, criadas por inteligências artificiais, que captam referências das mais distintas para se criar uma verdade. Uma verdade artificial.

O empoderamento do homem diante das ideias de liberdade de expressão nem sempre são utilizados para o bem ou para o convívio social. Portanto, como podemos avaliar ou criticar o comportamento das pessoas atípicas. O mundo está atípico.

Com a globalização e a informação em massa, passamos a perceber mais do que nunca, que ninguém pode ser considerado "normal", o normal estabelecido pela ordem mundial.

Diante dessa situação contemporânea, com uma distribuição caótica de informações, temos os seres "Atípicos" que não conseguem acompanhar as transformações do mundo da mesma maneira que os neuro típicos, pois possuem uma mente plena, sem condições de avaliar situações de maneira lúdica ou maliciosa para suportar essa convivência e que para conseguir acompanhar o mundo de maneira suportável, precisa de acompanhamento profissional de qualidade.

Muitos foram os métodos criados para o tratamento ou "Treino" para esse convívio e, com certeza, muitos outros surgirão com o aumento de conhecimento e pesquisas a respeito do assunto, e para isso temos que contar com bons profissionais para esse atendimento.

Constatou-se que um bom psicólogo, trabalhando ou não com o método ABA, é capaz de descobrir maneiras terapêuticas que proporcionem às crianças, formas de participar da sociedade e que lhes dê a maioria das escolhas. É isso que faz a diferença. Sendo assim, não se deve desejar apenas uma pessoa mais bem comportada, mas sim uma pessoa que possa fazer o máximo possível e obter o máximo de contrapartida positiva do mundo a que pertence.

A papel do psicólogo ficou claro no assunto em questão, o qual deve se despir de incertezas e fraquezas e tomar para si sua função de norteador de práticas condizentes com a realidade e necessidade atual do indivíduo.

Para tanto deve se utilizar de todas as ferramentas disponíveis e com isso maximizar as chances de sucesso.

Para que isso ocorra, deve haver proatividade, flexibilidade e capacidade de adaptação do educador para alcançar, enfim, a máxima do procedimento interventivo.

REFERÊNCIAS

AMARAL; L. A. Deficiência: questões conceituais e alguns de seus desdobramentos. Cadernos de Psicologia. Minas Gerais, 1996.

BAPTISTA, Cleonice Bosa – Autismo e educação: Reflexões e propostas de intervenção-editora Artmed- 2002

BRASIL. LEI Nº 13.146, DE 6 DE JULHO DE 2015. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015 2018/2015/Lei/L13146.htm > acessado em 20/02/2023.

OLIVEIRA NETO; S. P, et al. G-TEA: Uma ferramenta no auxílio da aprendizagem de crianças com Transtorno do Espectro Autista, baseada na metodologia ABA, SBC – Proceedings of SB Games 2013.

ROCHA; Sandra Marthina Chaconda – Repositório Institucional da UFPB- 12/11/2018

https://redenatjus.org.br/parecer-tecnico-cientifico-sobre-aba-para-o-tratamento-de-tea-estadi

https://portal.afya.com.br/psiquiatria/ama-retira-apoio-para-analise-do-comportamentoaplicada-por-falta-de-evidenciasponivel-no-e-natjus. 11/12/2024